

Brasília — a solução dos problemas

Ernesto Silva

O sr. Gomes de Souza publica, na edição de O Globo do último dia 23, inconsequente artigo intitulado "Brasília! a raiz dos problemas". Como único remanescente da diretoria da Novacap, empresa responsável pela construção da cidade, cumpre-me vir a público repelir as alevisias do citado autor.

O marechal José Pessoa, quando presidiu a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, de 1954 a 1956, deu uma definitiva solução ao secular problema da transferência da capital, fixando definitivamente o sítio ideal e tomando todas as providências para a desapropriação da área escolhida.

A concretização da transferência da capital federal para o Planalto Central vinha sendo procrastinada há cerca de um século, mantendo milhões de brasileiros do interior sem acesso ao progresso e mergulhados na mais humilhante e vexatória pobreza.

Essa reivindicação do sertão foi atendida por Juscelino Kubitschek de Oliveira durante sua pregação cívica de candidato à Presidência da República. Juscelino sentiu, nos comícios que realizava no interior do Brasil, a angústia do povo sofrido e abandonado, clamando por uma solução definitiva que os integrasse à vida nacional.

O presidente Juscelino cumpriu o dispositivo inserto no artigo 4º das Disposições Transitórias da Constituição de 1946: "A capital da União será transferida para o Planalto Central do País".

Há mais de um século, a unanimidade nacional clamava pela interiorização da capital. Tiradentes a desejava em São João del Rei. O jornalista Hipólito da Costa, desde 1813, defendia a idéia ardorosamente: "O Rio de Janeiro não possui nenhuma das qualidades que se requerem na cidade para ser a capital do Brasil". Em 1821, José Bonifácio proclama: "Criar uma cidade no interior do Brasil para assento da Regência, que poderá ser em 15º de latitude". Estudos aprofundados do historiador Francisco Adolpho de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, mostram à saciedade as vantagens da instalação da capital federal "às margens das cabeceiras dos rios Araguaia e Tocantins".

A firma Donald J. Belcher (1954-1955) estudou exaustivamente a região do Planalto Central, indicou o sítio ideal para a construção da capital federal e assim se expressou: "O Brasil deve ser louvado pelo fato de ser a primeira nação da História a basear a seleção de sua capital em fatores econômicos e científicos".

É incompreensível, pois, como, ainda hoje, os iconoclastas profissionais, que são contra tudo e contra todos, que vivem no subúrbio dos acontecimentos e na contramão da História, vociferam contra uma obra que assombrou o mundo pelo arrojo e competência e que mereceu do então presidente da Itália Giovanni Gronchi, em 1959, quando visitou as obras de Brasília, esta frase simbólica: "Brasília é uma obra digna dos tempos romanos".

Será que o autor do infeliz artigo concorda que, na mesma proporção,

Washington, Camberra, Pretória, Ankara, Ottawa, Islamabad, cidades político-administrativas, situadas no coração dos respectivos países, tornaram-se focos de corrupção, de incompetência, "ilhas da fantasia"?

Juscelino Kubitschek, os diretores da Novacap, os engenheiros, os operários, os professores, os médicos, os empresários, os burocratas, nada mais fizeram que cumprir um dispositivo constitucional e atender ao apelo de milhões de brasileiros deserdados, imersos na miséria e no abandono nas mais longínquas regiões do País.

Brasília não pode ser apontada como a origem e as causas de todas as mazelas que infestam o País.

Permanecesse ainda a capital no Rio de Janeiro, os escândalos ora em evidência não deixariam de acontecer com a mesma virulência e a mesma repercussão.

A melhor resposta a esses detratores contumazes, dá-nos Juscelino Kubitschek neste trecho de sua saudação por ocasião da inauguração de Brasília:

"Os que desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança desconheciam que o ânimo e a fé que nos sustentavam eram mais fortes que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas provincianas em que transitavam. Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História aqueles que não compreenderam e não amaram esta obra."

■ Ernesto Silva, diretor da Novacap durante a construção de Brasília, é médico pediatra

Brasília — a solução dos problemas

Ernesto Silva

O sr. Gomes de Souza publica, na edição de *O Globo* do último dia 23, inconsequente artigo intitulado "Brasília: a raiz dos problemas". Como único remanescente da diretoria da Novacap, empresa responsável pela construção da cidade, cumpre-me vir a público repelir as aleivosias do citado autor.

O marechal José Pessoa, quando presidiu a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, de 1954 a 1956, deu uma definitiva solução ao secular problema da transferência da capital, fixando definitivamente o sítio ideal e tomando todas as providências para a desapropriação da área escolhida.

A concretização da transferência da capital federal para o Planalto Central vinha sendo procrastinada há cerca de um século, mantendo milhões de brasileiros do interior sem acesso ao progresso e mergulhados na mais humilhante e vexatória pobreza.

Essa reivindicação do sertão foi atendida por Juscelino Kubitschek de Oliveira durante sua pregação cívica de candidato à Presidência da República. Juscelino sentiu, nos comícios que realizava no interior do Brasil, a angústia do povo sofrido e abandonado, clamando por uma solução definitiva que os integrasse à vida nacional.

O presidente Juscelino cumpriu o dispositivo inserto no artigo 4º das Disposições Transitórias da Constituição de 1946: "A capital da União será transferida para o Planalto Central do País".

Há mais de um século, a unanimidade nacional clamava pela interiorização da capital. Tiradentes a desejava em São João del Rei. O jornalista Hipólito da Costa, desde 1813, defendia a idéia arduamente: "O Rio de Janeiro não possui nenhuma das qualidades que se requerem na cidade para ser a capital do Brasil". Em 1821, José Bonifácio proclama: "Criar uma cidade no interior do Brasil para assento da Regência, que poderá ser em 15º de latitude". Estudos aprofundados do historiador Francisco Adolpho de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, mostram a saciedade as vantagens da instalação da capital federal "às margens das cabeceiras dos rios Araguaia e Tocantins".

A firma Donald J. Belcher (1954-1955) estudou exaustivamente a região do Planalto Central, indicou o sítio ideal para a construção da capital federal e assim se expressou: "O Brasil deve ser louvado pelo fato de ser a primeira nação da História a basear a seleção de sua capital em fatores econômicos e científicos".

É incompreensível, pois, como, ainda hoje, os iconoclastas profissionais, que são contra tudo e contra todos, que vivem no subúrbio dos acontecimentos e na contramão da História, vociferam contra uma obra que assombrou o mundo pelo arrojo e competência e que mereceu do então presidente da Itália Giovanni Gronchi, em 1959, quando visitou as obras de Brasília, esta frase simbólica: "Brasília é uma obra digna dos tempos romanos".

Será que o autor do infeliz artigo concorda que, na mesma proporção,

Washington, Camberra, Pretória, Ankara, Ottawa, Islamabad, cidades político-administrativas, situadas no coração dos respectivos países, tornaram-se focos de corrupção, de incompetência, "ilhas da fantasia"?

Juscelino Kubitschek, os diretores da Novacap, os engenheiros, os operários, os professores, os médicos, os empresários, os burocratas, nada mais fizeram que cumprir um dispositivo constitucional e atender ao apelo de milhões de brasileiros deserdados, imersos na miséria e no abandono nas mais longínquas regiões do País.

Brasília não pode ser apontada como a origem e as causas de todas as mazelas que infestam o País.

Permanecesse ainda a capital no Rio de Janeiro, os escândalos ora em evidência não deixariam de acontecer com a mesma virulência e a mesma repercussão.

A melhor resposta a esses detratores contumazes, dá-nos Juscelino Kubitschek neste trecho de sua saudação por ocasião da inauguração de Brasília:

"Os que desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança desconheciam que o ânimo e a fé que nos sustentavam eram mais fortes que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas provincianas em que transitavam. Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História aqueles que não compreenderam e não amaram esta obra."

■ Ernesto Silva, diretor da Novacap durante a construção de Brasília, é médico pediatra

Brasília — a solução dos problemas

Ernesto Silva

O sr. Gomes de Souza publica, na edição de *O Globo* do último dia 23, inconsequente artigo intitulado "Brasília: a raiz dos problemas". Como único remanescente da diretoria da Novacap, empresa responsável pela construção da cidade, cumpre-me vir a público repelir as alevisias do citado autor.

O marechal José Pessoa, quando presidiu a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, de 1954 a 1956, deu uma definitiva solução ao secular problema da transferência da capital, fixando definitivamente o sítio ideal e tomando todas as providências para a desapropriação da área escolhida.

A concretização da transferência da capital federal para o Planalto Central vinha sendo procrastinada há cerca de um século, mantendo milhões de brasileiros do interior sem acesso ao progresso e mergulhados na mais humilhante e vexatória pobreza.

Essa reivindicação do sertão foi atendida por Juscelino Kubitschek de Oliveira durante sua pregação cívica de candidato à Presidência da República. Juscelino sentiu, nos comícios que realizava no interior do Brasil, a angústia do povo sofrido e abandonado, clamando por uma solução definitiva que os integrasse à vida nacional.

O presidente Juscelino cumpriu o dispositivo inserto no artigo 4º das Disposições Transitórias da Constituição de 1946: "A capital da União será transferida para o Planalto Central do País".

Há mais de um século, a unanimidade nacional clamava pela interiorização da capital. Tiradentes a desejava em São João del Rei. O jornalista Hipólito da Costa, desde 1813, defendia a idéia ardentemente: "O Rio de Janeiro não possui nenhuma das qualidades que se requerem na cidade para ser a capital do Brasil". Em 1821, José Bonifácio proclama: "Criar uma cidade no interior do Brasil para assento da Regência, que poderá ser em 15º de latitude". Estudos aprofundados do historiador Francisco Adolpho de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, mostram à saciedade as vantagens da instalação da capital federal "às margens das cabeceiras dos rios Araguaia e Tocantins".

A firma Donald J. Belcher (1954-1955) estudou exaustivamente a região do Planalto Central, indicou o sítio ideal para a construção da capital federal e assim se expressou: "O Brasil deve ser louvado pelo fato de ser a primeira nação da História a basear a seleção de sua capital em fatores econômicos e científicos".

É incompreensível, pois, como, ainda hoje, os iconoclastas profissionais, que são contra tudo e contra todos, que vivem no subúrbio dos acontecimentos e na contramão da História, vociferam contra uma obra que assombrou o mundo pelo arrojo e competência e que mereceu do então presidente da Itália Giovanni Gronchi, em 1959, quando visitou as obras de Brasília, esta frase simbólica: "Brasília é uma obra digna dos tempos romanos".

Será que o autor do infeliz artigo concorda que, na mesma proporção,

Washington, Camberra, Pretória, Ankara, Ottawa, Islamabad, cidades político-administrativas, situadas no coração dos respectivos países, tornaram-se focos de corrupção, de incompetência, "ilhas da fantasia"?

Juscelino Kubitschek, os diretores da Novacap, os engenheiros, os operários, os professores, os médicos, os empresários, os burocratas, nada mais fizeram que cumprir um dispositivo constitucional e atender ao apelo de milhões de brasileiros deserdados, imersos na miséria e no abandono nas mais longínquas regiões do País.

Brasília não pode ser apontada como a origem e as causas de todas as mazelas que infestam o País.

Permanecesse ainda a capital no Rio de Janeiro, os escândalos ora em evidência não deixariam de acontecer com a mesma virulência e a mesma repercussão.

A melhor resposta a esses detratores contumazes, dá-nos Juscelino Kubitschek neste trecho de sua saudação por ocasião da inauguração de Brasília:

"Os que desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança desconheciam que o ânimo e a fé que nos sustentavam eram mais fortes que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas provincianas em que transitavam. Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História aqueles que não compreenderam e não amaram esta obra."

■ Ernesto Silva, diretor da Novacap durante a construção de Brasília, é médico pediatra

Brasília — a solução dos problemas

Ernesto Silva

O sr. Gomes de Souza publica, na edição de *O Globo* do último dia 23, inconsequente artigo intitulado "Brasília! a raiz dos problemas". Como único remanescente da diretoria da Novacap, empresa responsável pela construção da cidade, cumpre-me vir a público repelir as alevisias do citado autor.

O marechal José Pessoa, quando presidiu a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, de 1954 a 1956, deu uma definitiva solução ao secular problema da transferência da capital, fixando definitivamente o sítio ideal e tomando todas as providências para a desapropriação da área escolhida.

A concretização da transferência da capital federal para o Planalto Central vinha sendo procrastinada há cerca de um século, mantendo milhões de brasileiros do interior sem acesso ao progresso e mergulhados na mais humilhante e vexatória pobreza.

Essa reivindicação do sertão foi atendida por Juscelino Kubitschek de Oliveira durante sua pregação cívica de candidato à Presidência da República. Juscelino sentiu, nos comícios que realizava no interior do Brasil, a angústia do povo sofrido e abandonado, clamando por uma solução definitiva que os integrasse à vida nacional.

O presidente Juscelino cumpriu o dispositivo inserto no artigo 4º das Disposições Transitórias da Constituição de 1946: "A capital da União será transferida para o Planalto Central do País".

Há mais de um século, a unanimidade nacional clamava pela interiorização da capital. Tiradentes a desejava em São João del Rei. O jornalista Hipólito da Costa, desde 1813, defendia a idéia ardorosamente: "O Rio de Janeiro não possui nenhuma das qualidades que se requerem na cidade para ser a capital do Brasil". Em 1821, José Bonifácio proclama: "Criar uma cidade no interior do Brasil para assento da Regência, que poderá ser em 15º de latitude". Estudos aprofundados do historiador Francisco Adolpho de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, mostram à saciedade as vantagens da instalação da capital federal "às margens das cabeceiras dos rios Araguaia e Tocantins".

A firma Donald J. Belcher (1954-1955) estudou exaustivamente a região do Planalto Central, indicou o sítio ideal para a construção da capital federal e assim se expressou: "O Brasil deve ser louvado pelo fato de ser a primeira nação da História a basear a seleção de sua capital em fatores econômicos e científicos".

É incompreensível, pois, como, ainda hoje, os iconoclastas profissionais, que são contra tudo e contra todos, que vivem no subúrbio dos acontecimentos e na contramão da História, vociferam contra uma obra que assombrou o mundo pelo arrojo e competência e que mereceu do então presidente da Itália Giovanni Gronchi, em 1959, quando visitou as obras de Brasília, esta frase simbólica: "Brasília é uma obra digna dos tempos romanos".

Será que o autor do infeliz artigo concorda que, na mesma proporção,

Washington, Camberra, Pretória, Ankara, Ottawa, Islamabad, cidades político-administrativas, situadas no coração dos respectivos países, tornaram-se focos de corrupção, de incompetência, "ilhas da fantasia"?

Juscelino Kubitschek, os diretores da Novacap, os engenheiros, os operários, os professores, os médicos, os empresários, os burocratas, nada mais fizeram que cumprir um dispositivo constitucional e atender ao apelo de milhões de brasileiros deserdados, imersos na miséria e no abandono nas mais longínquas regiões do País.

Brasília não pode ser apontada como a origem e as causas de todas as mazelas que infestam o País.

Permanecesse ainda a capital no Rio de Janeiro, os escândalos ora em evidência não deixariam de acontecer com a mesma virulência e a mesma repercussão.

A melhor resposta a esses detratores contumazes, dá-nos Juscelino Kubitschek neste trecho de sua saudação por ocasião da inauguração de Brasília:

"Os que desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança desconheciam que o ânimo e a fé que nos sustentavam eram mais fortes que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas provincianas em que transitavam. Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História aqueles que não compreenderam e não amaram esta obra."

■ Ernesto Silva, diretor da Novacap durante a construção de Brasília, é médico pediatra